

# A distopia cotidiana dos oprimidos

PSICODRAMA E EXCLUSÃO SOCIAL

ÉRICO VIEIRA



*A DISTOPIA COTIDIANA DOS OPRIMIDOS*

*Psicodrama e exclusão social*

Copyright © 2025 by Érico Vieira

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação: **Michelle Campos e Janaína Marcoantonio**

Revisão: **Samara dos Santos Reis**

Capa: **Buono Disegno**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

## **Editora Ágora**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: [agora@editoraagora.com.br](mailto:agora@editoraagora.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

PREFÁCIO .....	9
APRESENTAÇÃO .....	13

## **PARTE I – Reflexões teóricas: subcidadania, subjetividade e psicodrama**

1. ASPECTOS PSICOSSOCIAIS E HISTÓRICOS DA EXCLUSÃO SOCIAL. ....	23
A naturalização da desigualdade social brasileira .....	23
Subcidadania: resquícios da escravidão e a construção histórica do desprezo aos pobres. ....	29
Ideologias neoliberais e a naturalização da desigualdade social .....	35
(Maus) encontros entre classes: as faces políticas e psicológicas do sofrimento .....	41
2. ANÁLISES E AÇÕES DO PSICODRAMA DIANTE DA EXCLUSÃO SOCIAL .	47
Saberes <i>psi</i> descontextualizados. ....	47
Ética psicodramática: espontaneidade e crítica à ordem vigente .....	49
Por um psicodrama enraizado: papéis históricos e relações raciais ....	57
Sociometria: investigação da sociedade a partir dos pequenos grupos .	68
Apostando na potência crítica e transformadora do psicodrama .....	73

## **PARTE II – Incursões sicionômicas no campo**

3. PERCURSOS METODOLÓGICOS .....	83
4. PLANTÃO PSICOLÓGICO PSICODRAMÁTICO: AMPLIANDO POSSIBILIDADES CLÍNICAS. ....	89

Plantão psicológico: resposta brasileira à elitização da clínica psicológica . . . . .	89
Plantão psicológico fundamentado no psicodrama: relações télicas na margem . . . . .	96
<b>5. PLANTÃO PSICOLÓGICO PSICODRAMÁTICO: PAPEL HISTÓRICO DE OPRIMIDO E SUAS TRILHAS DE SOFRIMENTO . . . . .</b>	<b>101</b>
Introdução . . . . .	101
Marcas de uma vida de escassez . . . . .	102
Isolamento sociométrico: a exclusão como produtora de rupturas relacionais . . . . .	107
Os sofrimentos de ser visto com desprezo . . . . .	108
Intersecções entre raça, classe e gênero: ser mulher pobre é sinônimo de sofrer . . . . .	116
Labirintos da exclusão: imaginário colonizado e esvaziamento da espontaneidade criadora. . . . .	121
<b>6. SOCIATRIA CLÍNICA NA MARGEM: ABERTURAS, CRIAÇÕES E IMPASSES NOS PLANTÕES PSICOLÓGICOS. . . . .</b>	<b>131</b>
Introdução . . . . .	131
Relações baseadas na tele: sintonia que produz aberturas e cria caminhos . . . . .	132
A ampliação de consciência do coletivo de pesquisa . . . . .	143
Desafios, impasses e dificuldades de uma clínica à margem . . . . .	148
<b>7. ESPONTANEIDADE PRODUTIVA POPULAR: VIVÊNCIAS COMPARTILHADAS DA EXCLUSÃO . . . . .</b>	<b>157</b>
Introdução . . . . .	157
Sofrimentos decorrentes do desenraizamento . . . . .	161
Buscando reconhecimento . . . . .	174
Busca criativa e espontânea de outros caminhos . . . . .	177
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . .</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS . . . . .</b>	<b>185</b>

# Prefácio

*Eu sei que a vida não presta,  
mas viver é tão bom...*

Chico César, “Vermelho”

*A cada mil lágrimas sai um milagre.*

Itamar Assumpção, “Milágrimas”

TALVEZ SEJA VERDADE QUE todo ser humano foi excluído em algum momento da vida. Talvez até os ricos, heterossexuais, brancos, bonitos. Sem certeza, vamos imaginar que sim. Um momento, um lugar.

Como seria vivenciar a exclusão todo o tempo e em todos os lugares? Érico Vieira, no denso, intenso e comovente livro que ora o leitor tem em mãos, com uma coragem poucas vezes sabida, se aproxima dos excluídos da terra, daqueles que ninguém quer conhecer, porque talvez não tenham tomado banho, porque talvez não tenham dentes, estejam alcoolizados ou drogados, provoquem culpa demais, não saibam falar corretamente conosco, os incluídos.

Uma pergunta sempre feita e de difícil resposta: o que define um ser humano?

No célebre poema de Manuel Bandeira, “O bicho”, escrito em 1947, lemos:

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.  
[...]  
O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.  
O bicho, meu Deus, era um homem.

É muito doloroso acreditar que o tempo passou e, muitas décadas depois, o poema continua sendo uma descrição dilacerante da trágica situação brasileira. Talvez seja preciso olhar para esse homem, para essa mulher, para esses(as) que andam como fantasmas pelas ruas e estradas brasileiras e, como Bandeira, ficar indignados. A indignação, no entanto, é pouco para alguns.

Érico Vieira e seus alunos transformam a indignação em *com*oção, movendo-se juntos. Abandonam a piedade, sentimento assimétrico, e são tomados pela *com*/paixão. Os prefixos dessas palavras dizem muito sobre a ação humana. E aí, nesse lugar, se definem todas as contradições, opressões e sofrimentos do que tem sido a existência.

O psicodrama é inteligentemente lido e utilizado no confronto com esse Brasil arcaico, colonizado, neoliberalizado, que insiste em se perpetuar em uma impressionante paisagem romantizada da casa-grande e senzala. Esse mesmo psicodrama — tantas vezes excluído por certa elite pensante — traz em seu coração pulsante, em seu pulmão azul e em seu corpo remendado uma intensa vitalidade, que Érico, com sua delicada mineirice, revela.

Quem disse que um texto científico deve ser seco e chato? O leitor sensível poderá chegar às lágrimas na medida em que descobrir esse Brasil indigente, que caminha sem rumo por suas estradas, por um mapa, uma cartografia que toma nosso corpo.

Um país em nós. Dar visibilidade a esse(a) outro(a), conseguir se reconhecer nele(a), chorar e sorrir junto nos define como humanos. Das margens, do lugar de desprezo e abandono, entender a história brasileira, a história dessa pátria, como diria Vinicius de Moraes, “tão pobrinha”.

Dolorosamente, trata-se da reinvenção minha, sua, deste país tão carente, tão cruel e tão impressionante, tão lindo.

DEVANIR MERENGUÉ

Psicólogo, psicodramatista e autor, entre outros,  
de *O sonho como resistência* (Ágora)

# Apresentação

A ESCRITA PODE SER uma forma de dar sentido à própria experiência, de organizar ideias e percepções na tentativa de decifrar a nossa relação com o mundo. Como disse Eduardo Galeano em *As veias abertas da América Latina* (1989, p. 286):

Alguém escreve para tratar de responder às perguntas que lhe zumbem na cabeça, moscas tenazes que perturbam o sono, e o que alguém escreve logra um sentido coletivo quando de algum modo coincide com a necessidade social da resposta.

Se a vida é a busca de afetar os outros e ser afetado por eles, a escrita cumpriria o papel de tentar afetar as pessoas com base em experiências significativas em que a nossa visão de mundo mudou, a nossa consciência se ampliou, tornando-se inadiável comunicar essa catarse de integração. Catarse, como descreveu Moreno, em que algo antes não percebido é integrado, inaugurando uma nova forma de estar no mundo.

Desde 2015, tenho contato com usuários de uma casa de apoio por meio de um projeto de pesquisa/intervenção, fruto da minha inserção como professor de uma universidade pública no estado de Goiás. Este livro relata os sofrimentos dessas pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social, com uma leitura enraizada historicamente. Além disso, evidencia de que maneira

essas experiências modificaram a mim e a equipe de pesquisa composta por estudantes de graduação. O contato com pessoas que vivem à margem ampliou a nossa consciência das reais características do Brasil como um país que foi e continua sendo violento com os povos subalternos, além de fortalecer a percepção de que todos somos seres históricos. Integrar uma função de historicidade em si mesmo significou perceber que todos nós seríamos uma síntese singular, mais ou menos criativa, das questões do momento histórico em que vivemos. Outro aspecto forte que me moveu foi o de utilizar o referencial epistemológico do psicodrama não só para realizar as práticas de cuidado na instituição, mas também para tentar analisar as narrativas dos usuários e o que aconteceu de significativo nos nossos encontros com eles.

Portanto, a fim de contribuir para o desnudamento da desigualdade social brasileira, estes escritos tiveram como objetivos a investigação dos aspectos psicossociais envolvidos na vivência de exclusão social e a construção e ressignificação de conceitos do psicodrama que contribuam para analisar as dimensões subjetivas da subcidadania. A epistemologia sacionômica foi a plataforma utilizada para compreender as incursões de um coletivo de pesquisa formado por estudantes universitários e por mim — docente, psicólogo e psicodramatista — nos encontros com usuários de uma casa de apoio de uma cidade do Centro-Oeste brasileiro. O coletivo oferece cuidados na área da psicologia, como plantões psicológicos e encontros grupais, desde 2015 até o presente momento, com expectativas de continuidade.

Alguns elementos nortearam a escrita deste livro: a sistematização de nossas experiências no contato com pessoas que vivem à margem da sociedade; a investigação das dimensões subjetivas da exclusão social, articulada com a possibilidade de análise do psicodrama sobre a desigualdade social; a

compreensão da desigualdade social com base em vivências e percepções de pessoas marginalizadas; o estudo das perspectivas de sujeitos marginalizados como forma de retorno ao vivido nas experiências cotidianas de humilhação social; a sondagem das reverberações dessa humilhação e do sofrimento ético-político nas subjetividades das pessoas excluídas; a pesquisa de possibilidades de atualizar o conceito de espontaneidade articulado com a desigualdade social e o pertencimento de classe; a busca de criar novas conceituações sobre a exclusão social a partir da epistemologia socionômica; e a ressignificação de conceitos psicodramáticos levando em conta as relações de poder da ordem vigente e as forças de sujeição ou de emancipação presentes no nosso tempo histórico.

Esperamos que essa investigação elucide alguns processos subjetivos decorrentes da desigualdade social. Partimos do pressuposto de que as experiências da exclusão social produzem nos sujeitos um rebaixamento de si pela falta de poder sobre a própria vida, sobre a cidade e sobre o mundo do trabalho. A exclusão do mundo da palavra resulta numa mensagem de rebaixamento que continua reverberando indefinidamente (Delfin, Almeida e Imbrizi, 2017). As mensagens negativas dirigidas aos grupos subalternos podem até mesmo fazê-los se culpar pela própria exclusão. Outro possível impacto da desigualdade na subjetividade seria a perda da confiança em si mesmo como alguém potente e capaz de contribuir com a sociedade. Espera-se, ainda, que o presente trabalho ressignifique ou produza novos conceitos do psicodrama que possam lançar luz sobre a relação entre subjetividade e desigualdade social.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, são tecidas reflexões teóricas sobre subjetividade, subcidadania e psicodrama. O primeiro capítulo, “Aspectos psicossociais e históricos da exclusão social”, discute os mecanismos que ocultam as raízes

históricas da desigualdade, os processos de naturalização da injustiça e a consequente ausência de comoção com o destino das pessoas que vivem na margem. A desqualificação social diante do sofrimento de ser visto com desprezo é uma força que compõe os maus encontros entre pessoas periféricas e grupos sociais de classes média e alta.

O segundo capítulo, “Análises e ações do psicodrama diante da exclusão social”, apresenta incursões teóricas a partir do referencial epistemológico do psicodrama para compreender essa exclusão. Apostamos na potência crítica e transformadora do psicodrama por meio do resgate de uma ética psicodramática como crítica à ordem vigente. Investigar a sociedade utilizando conceitos da sociometria pode ser um caminho para cultivarmos o psicodrama não como mais um saber *psi* descontextualizado, mas como um saber enraizado no nosso tempo histórico.

A segunda parte do livro é constituída por capítulos elaborados com base na atuação do coletivo de pesquisa em uma casa de apoio que oferece alimento e abrigo para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Esse coletivo oferece diariamente escuta clínica do tipo plantão psicológico e semanalmente um trabalho de intervenção grupal. As transcrições dos registros dos plantões psicológicos e dos encontros grupais, fundamentados em uma metodologia qualitativa fenomenológica, foram analisadas a fim de produzir categorias que representam respostas analíticas à principal pergunta da pesquisa: quais são as dimensões subjetivas da exclusão social articuladas com possibilidades de análise do psicodrama sobre a desigualdade? Outras perguntas se desdobram a partir dessa: como se dá a desigualdade social da ótica e das vivências cotidianas de pessoas que vivem à margem? Como se dão as reverberações subjetivas das experiências de humilhação social? Como utilizar e criar conceitos do psicodrama para compreender a desigualdade?

O capítulo 3, “Percurso metodológico”, apresenta as formas de atuação do coletivo de pesquisa e extensão na casa de apoio e os caminhos de pesquisa realizados — além de descrever o público-alvo. Os diários de campo desses encontros foram analisados pelo método fenomenológico descritivo, uma maneira de compreender o material construindo unidades de significado e categorias.

O quarto capítulo, “Plantão psicológico psicodramático: ampliando possibilidades clínicas”, apresenta o plantão psicológico como uma modalidade clínica de cuidado em saúde mental, representando uma resposta brasileira à elitização da clínica psicológica. O plantão psicológico fundamentado no psicodrama foi uma modalidade construída pelo coletivo de pesquisa, diante dos estudos que mostravam que a produção científica sobre os plantões era restrita ao referencial teórico da abordagem centrada na pessoa. Experimentamos a articulação das teorias e dos métodos do psicodrama na condução desses plantões, e a sistematização dessa experiência é apresentada neste capítulo, inclusive mencionando artigos publicados na *Revista Brasileira de Psicodrama*.

O quinto capítulo, “Plantão psicológico psicodramático: papel histórico de oprimido e suas trilhas de sofrimento”, deslinda os sofrimentos dos usuários que se manifestaram nos plantões psicológicos. A partir de diversas experiências de exclusão, o papel histórico de oprimido é vivido no cotidiano pelos papéis sociais. As misérias material e relacional se manifestam nas rupturas relacionais presentes no isolamento sociométrico e nas marcas de uma vida de escassez. O sofrimento de ser visto com desprezo aumenta ainda mais a vulnerabilidade, cristalizada em labirintos da exclusão, com imaginários colonizados e esvaziamento da espontaneidade criadora.

O sexto capítulo, “Sociatria clínica na margem: aberturas, criações e impasses nos plantões psicológicos”, comunica nossas

trocas com os usuários no espaço clínico. Durante as interações, houve momentos especiais de uma sintonia que produziu aberturas e a criação de novos caminhos. Momentos téticos. Por outro lado, certos impasses e bloqueios evidenciaram algumas dificuldades de uma clínica psicológica na margem, desafios estes colocados pelo contato com o sofrimento que embrutece corações e mentes e pelas lacunas na literatura especializada sobre a clínica psicológica com pessoas excluídas. Por fim, a ampliação de consciência das pessoas do coletivo de pesquisa foi algo inesperado. Partindo de uma perspectiva decolonial, apostamos na sustentação da diferença e na entrega ao acaso no encontro dialógico, sem tentar consertar ou colonizar o outro. Com essa aposta, o coletivo experimentou catarses de integração, em que novas realidades de si mesmo e do mundo, antes encobertas, passaram a ser integradas e percebidas.

O sétimo e último capítulo, “Espontaneidade produtiva popular: vivências compartilhadas da exclusão”, relata os encontros grupais realizados com os usuários, tendo em vista a necessidade de refletir sobre e compartilhar as experiências da exclusão no âmbito coletivo. Os temas importantes que surgiam em cada espaço fertilizavam cada momento de cuidado. Os temas protagônicos dos plantões podiam ser socializados no espaço grupal, e o que emergia no grupo tornava a escuta nos plantões mais refinada. As marcas da exclusão foram compartilhadas como sofrimentos decorrentes de experiências de desenraizamento e vivência de não pertencimento à comunidade humana. A busca de reconhecimento e a reflexão sobre possibilidades de construir novos caminhos se manifestaram no grupo como formulações de rupturas criativas e espontâneas em relação aos circuitos destrutivos da exclusão.

As invisibilidades de um país se apresentam no encontro com as pessoas que vivem à margem e, com suas histórias, iluminam

um Brasil além da superfície. Histórias de pessoas periféricas que vivem no Centro-Oeste brasileiro — em um Brasil profundo, em que o universo agrário hegemoniza as sociabilidades, em que o coronelismo e o patriarcado reencenam no presente a escravidão e a colonização do outro.

Nesse Brasil, as histórias soterradas da margem representam a história de um país que almeja tornar-se visível, suscitando novas formas de consciência ao desvelar os mecanismos que oprimem e desumanizam. Novas possibilidades de ação se abrem com o desvanecimento das mistificações da realidade. A comunidade psicodramática está disposta e disponível para assumir sua responsabilidade histórica de compreender e agir em um mundo distópico, em decomposição, que naturaliza a desigualdade e produz desertos de inimizade?

## **PARTE I**

Reflexões teóricas: subcidadania,  
subjetividade e psicodrama

# 1. Aspectos psicossociais e históricos da exclusão social

*As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.*  
Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*

## **A NATURALIZAÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIAL BRASILEIRA**

Em um país profundamente marcado pela exclusão de uma parcela considerável da população, as ciências humanas são convocadas a produzir conhecimento a serviço do combate às opressões e à desigualdade. A ciência pode se constituir como mecanismo que desvela os aspectos opacos da ordem social que encobrem relações de poder e a reprodução de privilégios injustos, os quais resultam em uma monumental desigualdade social. Esta não apenas é constituída por privações materiais, mas, sobretudo, pela estigmatização e humilhação dos excluídos (Souza, 2015; Vêras, 2011). A exclusão social seria o descompromisso com o sofrimento do outro (Sawaia, 2011).